

## REVENDO ESTILÍSTICA SINTÁTICA<sup>19</sup>

Claudio Cezar Henriques  
(UERJ, UNESA e ABFRAFIL)

### Introdução

Assim como uma frase não é uma reunião aleatória de palavras ou de orações, um texto não é uma reunião aleatória de frases. As decisões de estilo, no que tange à sintaxe do período (simples ou composto) têm a ver, em primeiro lugar, com o domínio do funcionamento dos padrões frasais do português e das combinações que as orações mantêm umas com as outras dentro de uma frase verbal, a que denominamos PERÍODO.

No livro *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto* (HENRIQUES, 2010, p. 95), tratei um pouco desse tema, cabendo aqui aproveitar minhas próprias palavras para discutir como importam as questões sintáticas da frase na qualificação de um texto, pois sua complexidade e expressividade se medem a partir de vários parâmetros.

Não resta dúvida de que um deles repousa na observação da estrutura sintática de seus períodos e parágrafos. Nesse sentido, o estudo da sintaxe é uma das estratégias para desvendar os mecanismos composicionais escolhidos pelo autor de um texto, ainda que ele precise passar pelo caminho da nomenclatura e da fixação das regras básicas do relacionamento sintático para atingir seu alvo maior.

Um texto coeso e coerente se organiza a partir de princípios lógicos, entre os quais se incluem os processos relacionais, que partem de uma “relação-micro” como a que existe entre o núcleo de um termo e seu adjunto adnominal, passam por uma “relação-midi”, como a que nos mostra que uma oração é principal porque outra é sua subordinada, e se encerram numa “relação-macro”, que confirma por exemplo que uma notícia de jornal ou uma crônica literária teve começo, meio e fim – o que só acontecerá de fato se tiverem sido seguidas as regras elementares de adição, oposição, reiteração, substituição e conclusão, entre tantas outras regras que se baseiam em ampliações dos mecanismos primários expressos pelos conectivos, conjunções, pronomes relativos, pessoais...

Nesse percurso do “mundo-micro”, feito com o estudo geral da estrutura da oração, para o “mundo-macro”, é preciso examinar como funciona a estrutura do período (o “mundo-midi”), relembrando que esses três “mundos” nada mais são do que uma repetição um do outro, em tamanhos e graus diferentes. É preciso, portanto, frisar que o estudo da estilística sintática, no âmbito do período, é o estudo da expressivida-

19 Versão adaptada de dois dos capítulos do livro *Semântica e Estilística* (Curitiba: IESDE, 2009).

de, da pertinência e da coesão que existe no relacionamento que as orações mantêm entre si no enunciado.

Pretendemos aqui examinar como um período ou frase verbal atua em suas relações discursivas e pragmáticas com o mundo que cerca o texto. É o segundo passo no caminho da almejada qualidade e expressividade textual.

### **Organização das orações (no período)**

Há em português dois tipos de orações, conforme sejam sintaticamente independentes ou dependentes. Se um período dispõe suas orações com independência sintática, dizemos que há COORDENAÇÃO entre elas. Se, porém, as orações mantêm no período uma relação de dependência sintática, falamos em SUBORDINAÇÃO.

Vejam como acontecem essas relações, examinando algumas frases escritas por Graciliano Ramos no romance *Angústia*.

(1) Peguei um livro, abri a porta e desci os degraus do quintal, furioso com o amante de D. Mercedes. Velhaco. Devia nas lojas, devia nas mercearias, devia ao alfaiate. Atracado aos usineiros, aos banqueiros, aos homens da Associação Comercial, numa adulação torpe. (1975, p. 53)

O trecho contém quatro frases, sendo a segunda um efeito retórico interjectivo (equivalente muito mais expressivo do que “Era um velhaco”). A quarta frase também não tem um verbo lexicalizado, mas se entende algo como “Vivia atracado...”, de modo a deixar implícita a informação redundante para destacar a descrição relevante do tal amante de D. Mercedes. Considerando a inserção dos verbos, essas frases teriam orações independentes absolutas. Sem os verbos, são frases nominais (inseridas em um contexto ou situação).

Interessam-nos, porém, mais os períodos 1 e 3 do exemplo (1). Observemos a sequência de orações independentes de ambos:

#### **Período 1**

- oração 1: peguei um livro
- oração 2: abri a porta
- oração 3: e desci os degraus do quintal, furioso com o amante de D. Mercedes.

#### **Período 3:**

- oração 1: devia nas lojas
- oração 2: devia nas mercearias
- oração 3: devia ao alfaiate

Nos dois períodos, a opção do escritor foi pela construção de orações independentes – tanto que até poderiam ter sido escritas com a separação por pontos, como temos em (2).

(2) Peguei um livro. Abri a porta. E desci os degraus do quintal, furioso com o amante de D. Mercedes. Velhaco. Devia nas lojas. Devia nas mercearias. Devia ao alfaiate. Atracado aos usineiros, aos banqueiros, aos homens da Associação Comercial, numa adulação torpe.

É lícito concluir que Graciliano optou por estruturas integradas em frases desse tipo, pois preferiu privilegiar um determinado nível de informação e de descrição, associando-as a um certo ritmo pausado de leitura, típico de estruturas coordenadas.

Suponhamos, porém, que a escolha fosse pela construção com orações dependentes. Uma das possibilidades de reescritura (apenas dos períodos 1 e 3) do trecho nos daria o que está em (3); outra, buscando apenas os usos de estruturas dependentes, nos daria o que está em (4).

(3) Depois que peguei um livro, abri a porta para, em seguida, descer os degraus do quintal, furioso com o amante de D. Mercedes. Velhaco. Tanto devia nas lojas, como devia nas mercearias e devia ao alfaiate. Atracado aos usineiros, aos banqueiros, aos homens da Associação Comercial, numa adulação torpe.

(4) Depois que peguei um livro, abri a porta para em seguida descer os degraus do quintal, furioso com o amante de D. Mercedes, porque o considerava um Velhaco, que tanto devia nas lojas, como devia nas mercearias e devia ao alfaiate, o que o obrigava a viver atracado aos usineiros, aos banqueiros, aos homens da Associação Comercial, numa adulação torpe.

Vimos quatro maneiras de construir o mesmo momento da narrativa do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos. Não resta dúvida de que a opção do escritor se mostra bastante expressiva, mas sobre as outras três a única coisa inquestionável é que, sintaticamente, elas estão corretas, adequadas e bem escritas. E estilisticamente? Cabe aqui uma boa e saudável discussão a esse respeito.

Isso significa que estruturas sintáticas independentes são melhores do que as dependentes? Ou que, num texto narrativo, elas são mais recomendáveis? Ou então que Graciliano Ramos é que tem um estilo em que predomina a coordenação sobre a subordinação? Obviamente a resposta a essas perguntas é a mesma: **não necessariamente**. É preciso relativizar todas essas coisas e examinar em que circunstância elas ocorrem.

Para comprovar essa “fragilidade dos dogmas sintáticos”, vejamos outras duas passagens do mesmo autor, ainda em *Angústia*.

(5) Marina apareceu, enroscando-se como uma cobra de cipó e tão bem vestida como se fosse para uma festa. Ao pegar-me a mão, ficou agarrada, os dedos contraídos, o braço estirado, mostrando-se, na faixa de luz que entrava pela janela. Isto me dava a impressão de que o meu braço havia crescido enormemente. (1975, p. 67)

(6) Marina parou diante de uma casinha baixa, hesitou, bateu à porta. Toda a minha atenção se concentrou num olho, porque na esquina em que me achava apenas apresentava à rua uma banda da cara. Quando ela entrou, desentoquei-me, aproximei-me da casinha e vi uma placa azul com letras brancas. (1975, p. 157)

Os três períodos do trecho (5) contêm o predomínio de estruturas dependentes, com orações substantivas, adjetivas e adverbiais, com orações desenvolvidas e reduzidas. Já no trecho (6), observa-se uma combinação entre orações independentes e dependentes dentro do mesmo período: o primeiro contém apenas orações independentes; o segundo, apenas orações dependentes; o terceiro começa com uma oração dependente e prossegue com três independentes.

Algum dos trechos perdeu em expressividade? Claro que não. Isso nos permite concluir que a decisão sobre as estruturas que devem figurar num período depende muito do conhecimento sintático, é claro, mas depende ainda mais da sensibilidade e da percepção estilística de quem escreve.

### **Referenciação intrafrásica**

A relação que existe entre uma expressão linguística e alguma coisa que ela seleciona no mundo real ou conceitual é o que se chama REFERÊNCIA. “Uma expressão linguística que refere ou aponta para alguma coisa no mundo não linguístico é uma expressão referencial” (TRASK, 2004, p. 251), mas os fenômenos referenciais, por se configurarem como práticas discursivas, são um caso expressivo da relação entre linguagem e realidade, algo que é reciprocamente constitutivo.

Se considerarmos o texto a partir de uma perspectiva micro, diremos que se trata de uma reunião de frases e que estas não passam de uma reunião de termos, sintagmas e palavras. Porém, por um ponto de vista macro, devemos admitir que um texto é um conjunto de unidades micro que se formam em busca de uma unidade sistêmica, organizada e construída progressivamente com base em dois processos gerais, a SEQUENCIALIDADE e a TOPICIDADE.

A TOPICIDADE se refere ao assunto ou tópico discursivo (às vezes mais de um) tratado ao longo do texto. A SEQUENCIALIDADE é um componente da *progressão referencial* e se refere à apresentação, continuidade, identificação, preservação, retomada de referentes textuais e tidas como *estratégias de designação de referentes*.

Nesse sentido, a sucessão de palavras que forma um texto vai muito além da mera SEQUENCIALIDADE, pois é preciso que um entrelaçamento coerente aproxime esses componentes para lhes dar a mencionada unidade sistêmica de textualidade, isto é, promover sua COESÃO. Esta, por ser a representação linguística da coerência de um texto, se concretiza nas relações entre elementos sucessivos (artigos, pronomes, adjetivos, verbos, advérbios), na organização de períodos, de parágrafos, de cada uma das partes do todo, formando uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver o que se pretendeu dizer sob a forma de texto.

Esses mecanismos linguísticos, que têm a função de estabelecer a conectividade e a retomada entre as partes do texto, são chamados de REFERENTES TEXTUAIS.

Os referentes textuais podem se valer, conforme o caso, dos mecanismos léxico-semânticos ou morfossintáticos (por meio de pronomes de terceira pessoa, de certos advérbios, conectivos, numerais ou por meio de substantivos e verbos cujo campo semântico permita o processo de substituição ou ainda pelo recurso da repetição enfática, da paráfrase, da restrição, entre outros). A compreensão de um texto também se dá por elementos não explicitados nele, sendo possível considerar que há fatores de coesão implícita, apoiados no conhecimento compartilhado que os participantes do processo comunicativo têm da língua que usam.

Por exemplo: uma pessoa que está num bar tomando um refrigerante chama o garçom e lhe diz a frase (7).

(7) Meu copo está vazio. Pode me trazer outro guaraná?

Certamente essa pessoa não tem em mente a hipótese de que o garçom vá lhe trazer um guaraná diferente (outro guaraná = um guaraná diferente), mas que ele lhe trará o mesmo guaraná (outro guaraná = mais um copo do mesmo guaraná), apesar do aparente contrassenso de “outro” ser equivalente de “mesmo”. O processo comunicativo, porém, poderá resultar no entendimento do que está explícito (outro = diferente) e numa resposta como a da frase (8).

(8) Infelizmente não. Só temos essa marca.

Vejamos então, em dois parágrafos sucessivos (extraídos da Revista da Folha de S.Paulo de 21/09/2008), outros exemplos de referentes textuais que atuam no interior da frase.

(9) Com 240 mil veículos a mais nas ruas da capital nos últimos seis meses, que se juntaram a uma frota de seis milhões, o automóvel é cada vez mais protagonista de um pesadelo urbano no qual os paulistanos se vêem mergulhados diariamente.

(10) Parado nos congestionamentos – o recorde chegou a 266 km em maio – ou na disputa inglória por uma vaga para estacionar, o carro virou um trambolho que coloca em xeque a própria sobrevivência da metrópole. "Não dá para todo mundo ter um carro hoje, a não ser que acabem com os espaços públicos e transformem a cidade em algo exclusivo para o automóvel", ironiza a urbanista Raquel Rolnik. (“Solução Radical”, Folha de S.Paulo, 21/09/2008)

O parágrafo (9) possui apenas uma frase. Nela, “costuram” o interior frasal os pronomes relativos “que” (retomando “os veículos”) e “no qual” (retomando “o pesadelo urbano”), o pronome pessoal reflexivo “se” (em duas ocasiões: também retomando “os veículos” e “o pesadelo urbano”) e os substantivos “veículos”, “frota” e

“automóvel” (e sua coerente hierarquia) e “capital” e “paulistanos” (também coerentes na seleção e enfatizados no adjetivo “urbano”).

Já em (10), onde há duas frases (uma do jornalista, outra em discurso direto), a coesão interna se dá com o pronome relativo “que” (retomando “trambolho”), o predicador “trambolho” (substituto pejorativo de “carro”), na primeira delas. Na segunda, vemos a locução conjuntiva “a não ser que” (conector de exclusão) e os substantivos “carro” e “automóvel” (sinônimos) e “cidade” e “urbanistas” (também coerentes na seleção).

### Referenciação interfrásica

Todo emissor de uma mensagem faz uma representação mental (multidimensional) a respeito do REFERENTE do discurso que pretende elaborar.

---

**REFERENTE:** termo que denomina o componente do mundo real que é passível de argumentação, descrição ou relato por meio de palavras.

---

Quando se dá a produção de um texto, essa representação mental toma uma forma concreta, que tem linearidade e temporalidade, pois deve se materializar (uma ação de tempo) em unidades linguísticas (um resultado linear) com o propósito de emitir uma informação.

A principal questão para quem redige é a que envolve essa transferência do modelo mental (não linear e impalpável) para a forma concreta da frase. O ponto é como compatibilizar esses dois ambientes, como saber fazer essa passagem.

Podemos resumi-la a duas operações, que interagem durante essa transferência:

- a) seleção e ajuste dos itens lexicais (em outros termos: achar a palavra certa e posicioná-la na frase de modo adequado);
- b) enquadramento das unidades linguísticas em relação aos enunciados que as precedem ou sucedem num texto (também chamados de COTEXTO).

Enquanto a operação A se presta mais para a construção da oração ou do período, a operação B é a que expressa de fato a materialização do texto, sua efetiva construção como uma unidade de sentido.

Observemos a notícia abaixo para vermos como se dão esses processos.

(11) Ter autonomia para escolher o horário de início do trabalho – de manhã, à tarde, à noite ou de madrugada –, livrar-se dos imensos congestionamentos, que tiram o humor de qualquer pessoa, usar a roupa que achar mais confortável, decorar o ambiente com a sua cara e ser o seu próprio chefe. Quem nunca desejou pelo menos um desses privilégios? (GAZETA DO POVO, 2008)

O redator inicia seu parágrafo com uma frase que combina com simetria cinco infinitivos verbais (ter, livrar-se, usar, decorar e ser). Até aí estamos na operação A, que verifica a seleção e ajuste dos itens lexicais. Na frase final do trecho, há entretanto um sintagma que atua no processo B (um desses privilégios). O demonstrativo “esses” é anafórico e faz relação com o enunciado que o precede, e o substantivo “privilégios” condensa (também anaforicamente) a série liderada pelos cinco verbos no infinitivo, acrescentando um juízo de valor que o jornalista espera ser compartilhado pelos seus leitores, a saber: as ideias representadas pelos cinco verbos no infinitivo podem ser consideradas positivas (= privilégio, no bom sentido).

Alternativamente, o jornalista poderia ter evitado o demonstrativo, mas precisaria de uma palavra anafórica de outra classe para dar coerência à frase final – é o que se vê em (12).

(12) Quem nunca desejou pelo menos um dos privilégios **citados**?

Também poderia ter usado um substantivo anafórico mais neutro – como em (13). Isso evitaria que algum leitor percebesse alguma sutil ironia ou inveja no uso do substantivo “privilégios”, por considerar que o repórter redator, provavelmente, não pode trabalhar apenas em casa.

(13) Quem nunca desejou pelo menos uma dessas **comodidades**?

Uma outra questão envolve as operações de enquadramento dos enunciados de um texto, ainda no que tange à conexão e à segmentação. Suas unidades fundamentais são os organizadores textuais e os sinais de pontuação, que têm a função de, primeiro, “costurar” os itens lexicais (selecionados e ajustados, como dissemos na operação A) e, depois, articular ao contexto essas unidades.

Quanto aos organizadores textuais, citemos alguns deles:

- os aditivos (e, além disso, igualmente, também);
- os alternativos (ou, ora);
- os argumentativos (mas, embora, porque, em última análise);
- os sequenciadores (primeiro, antes, por fim);
- os delimitadores de espaço, tempo ou fonte (naquela época, na nossa cidade, para os governistas, segundo Platão).

Já os sinais de pontuação são empregados, em especial, com a finalidade de demarcar ou segmentar as partes do texto por conta de seus termos, sintagmas, posições, frases ou parágrafos. O sistema de pontuação faz parte de uma convenção gráfica, mas em síntese é um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas" (CATACH, 1994, p. 7). Sua utilização interage com outros níveis operacionais do enunciado, ou seja, esses sinais participam também de todas as funções da sintaxe: gramaticais, entonacionais, semânticas, discursivas e pragmáticas. A eles se acrescentam outros recursos gráfico-frasais, como o itálico, o negrito, a sublinha, etc.

---

**SINAIS DE PONTUAÇÃO [etc.]** vírgula / ponto e vírgula / ponto final, de exclamação e de interrogação / dois pontos / reticências / aspas / travessão / parênteses e colchetes / alíneas / negritos, itálicos e sublinhas / asteriscos.

---

Dois parágrafos de uma crônica de José Carlos Oliveira nos servirão para interpretar algumas das explicações expostas aqui.

Reaprendo o caminho da praia. Todos os meus conhecidos estão ficando castanhos, renunciarei também aos banhos de estrelas e de luar. E assim me incluo, sábado, entre as centenas de corpos que na areia ou na água correm, cochilam, conversam, jogam frescobol, pegam jacaré, passam óleo na pele, tomam sorvete e repetem frases que é sempre agradável (ou inevitável) dizer e ouvir: “A água está geladíssima”; “se em outubro o sol já está assim, imagine em janeiro”; “este verão vai ser fogo”; “hoje as ondas estão brabas”; “amanhã não sei se venho, porque vai haver névoa seca”.

Perdão, não fui eu quem falou em névoa seca; apenas ouvi. Não sei quem disse. Quando ia dar um mergulho, alguém fez essa observação como quem diz uma coisa muito natural. Não vi quem falou. Mergulhei, fiquei um instante na areia olhando o belo mar, e de repente minha cabeça refletiu sozinha: “Névoa seca... Eu, hein, rosa!” Depois reparei que aquela frase não revelava pedantismo propriamente; era mais sofisticação. E mergulhei novamente enquanto minha cabeça, emérita especuladora, propunha a si mesma um problema simples, qual seja: “Que espécie de pessoa, entre tantas, seria capaz de dizer aquilo sem mais nem menos?” Probleminha de fim de semana, creio eu. Na calada da noite é que me devem torturar as grandes dúvidas humanas, para as quais oferecerei resposta, segundo espero, nos livros que, segundo espero, vou começar a escrever amanhã. Isto é: depois de amanhã; domingo também não é dia de salvar o mundo – creio eu. Enfim, lá estava a cabeça a funcionar gratuitamente, sem prejudicar o sabor do momento; sentei-me na areia e sem óculos escuros olhei para o sol. A ofuscação me fez fechar os olhos, o que aproveitei para cochilar um pouquinho.

(“O Brotinho e a Névoa Seca – 1”. 2005, p. 72)

José Carlos Oliveira materializa sua representação mental com unidades linguísticas selecionadas e enquadradas em enunciados concatenados. Recursos de estilo concretizam a construção coerente dos segmentos de orações, períodos e parágrafos, e o cronista exercita seu domínio sobre os instrumentos da língua – aqui examinados apenas em alguns organizadores textuais e nos sinais de pontuação.



### Organizadores Textuais:

- renunciarei também aos banhos de estrelas;
- E assim me incluo, sábado, entre as centenas de corpos;
- é sempre agradável (ou inevitável) dizer e ouvir;
- Depois reparei que aquela frase;
- Que espécie de pessoa, entre tantas, seria capaz de dizer aquilo;
- para as quais oferecerei resposta, segundo espero;
- Isto é: depois de amanhã; domingo também não é dia;
- Enfim, lá estava a cabeça a funcionar;

### Sinais de Pontuação:

- dois pontos introduzindo citações diretas (pessoais ou alheias) marcadas com aspas. Exs.: É sempre agradável dizer e ouvir: “A água está geladíssima” / qual seja: “Que espécie de pessoa, entre tantas, seria capaz?”
- dois pontos introduzindo citação direta (pessoais ou alheias), sem aspas. Ex.: Isto é: depois de amanhã.
- travessões indicando separação de discurso direto. Ex.: (...) não é dia de salvar o mundo – creio eu.
- reticências e exclamação revelando uma modalização do narrador. Ex.: Névoa seca... Eu, hein, rosa!
- ponto e vírgula separando blocos oracionais. Ex.: (...) depois de amanhã; domingo também não é dia (...)
- ponto de interrogação caracterizando um recurso retórico. Ex.: (...) seria capaz de dizer aquilo sem mais nem menos?

Mais do que o simples levantamento dessas ocorrências, que por si só não levaria a nada, vale notar como a presença desses componentes dá sentido às escolhas lexicais de substantivos, adjetivos, verbos. É preciso, enfim, haver competência no manejo dos recursos da língua, pois com eles pode-se conseguir a expressividade textual.

### Figuras de linguagem

O estudo estilístico do período, obviamente, não deixa de ser também o estudo estilístico da oração, do parágrafo e do texto. E entre os elementos importantes da escolha consciente a ser feita no momento de produção de um texto, temos as referências FÓRICAS. Essas unidades linguísticas englobam não apenas FIGURAS DE LINGUAGEM do campo da retórica (anáforas, epanáforas, epíforas, epístrofes), mas também os processos coesivos.

---

**FÓRICOS:** termo genérico que designa a propriedade de algumas unidades linguísticas (como alguns pronomes, advérbios, substantivos e verbos) de fazer referência a um componente do próprio texto ou ao contexto situacional, em vez de serem interpretados semanticamente por si sós.

---

Vamos examinar aqui as possibilidades coesivas dessas unidades, recorrendo a alguns exemplos que incluímos no livro *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto* (HENRIQUES, 2008, p. 169-72).

(14) **Ela só faz isso** quando está **lá**.

Para entender a frase (14), é indispensável que haja algum contexto que nos permita responder a três perguntas: *Quem é ela? O que ela faz? Onde ela está quando faz isso?*

(15) Todos os anos, Telma, o marido e os três filhos passam o Natal em Belo Horizonte, na casa dos pais de Anselmo. Ela é uma dessas mulheres que não movem uma palha dentro de casa. Aliás, não arruma nem a própria cama. Acontece que, como a sogra é uma megera, ela só faz isso quando está lá.

Esclarecido o contexto em (15), teríamos então estas respostas:

(16) Ela (**Telma**) só faz isso (**arruma a própria cama**) quando está lá (**na casa da sogra**). [ou seja: Telma só arruma a própria cama quando está na casa da sogra.]

O emprego de palavras que, dentro de um contexto, fazem referência a termos usados anteriormente – e evitam sua repetição – tem o nome de “anáfora”. No exemplo, as palavras anafóricas são: *ela + faz isso + lá*.

Quando a frase remete para uma unidade linguística que está adiante, o nome que se dá é “catáfora”. É o que encontramos em (17), reescritura de uma das frases do exemplo (11).

(17) Telma é uma mulher que tem um único defeito: não move uma palha dentro de casa. [um único defeito não mover uma palha dentro de casa]

Aqui o elemento catafórico é “um único defeito”, que está à esquerda de “não move uma palha dentro de casa” e tem a finalidade de apontar para essa ideia à direita. Mas, se invertêssemos os dois componentes, colocando “esse único defeito” à direita, ele apontaria para a ideia à esquerda e caberia ao demonstrativo “esse” fazer o papel anafórico. É o que mostra a frase (18).

(18) Telma é uma mulher que não move uma palha dentro de casa, e esse é seu único defeito. [não mover uma palha dentro de casa esse (único defeito)]

Essas relações fôricas (a anáfora e a catáfora) são chamadas de “endofóricas”, pois atuam na esfera do texto e se explicam nesse ambiente “interno” (endo- = para dentro). Quando as relações fôricas se explicam por componentes exteriores ao texto, elas se chamam “exofóricas” (exo- = para fora).

Na língua falada, usa-se muito a menção às noções de tempo, espaço e pessoa sem as nominalizar no texto, mas apenas no cenário em que se transmite uma ideia. Se estou numa sala de aula da UERJ no último dia de aula do ano letivo de 2011 e digo “Eu espero ver vocês aqui no ano que vem”, a frase não é autoexplicável, mas a situação identifica os valores concretos de “eu” (= Claudio), “aqui” (= na UERJ) e “no ano que vem” (= 2012).

Para concluir, acrescentemos uma outra possibilidade que ocorre no trabalho com frases e textos. Referimo-nos àquelas situações em que há necessidade de se reiterar um conceito, reforçar um ponto de vista ou retomar a expressão de um pensamento, uma ideia, uma opinião. Fazer isso engloba uma série de aspectos da estrutura textual: a escolha de palavras, o domínio das estruturas sintáticas, a viabilidade da repetição expressiva, o conhecimento dos valores semânticos e a perícia estilística.

Para desenvolver essa técnica, o redator é levado a um exame panorâmico do que planeja dizer e, a partir daí, deve fazer as escolhas seguras conforme sua intenção comunicativa. Ilustremos essas considerações com dois exemplos de paráfrase a partir dos seguintes fragmentos:

(19) “Não há nada tão pernicioso à filosofia como o fato de as coisas familiares e que ocorrem com frequência não atraírem e não prenderem a reflexão dos homens, mas serem admitidas sem exame e investigação das suas causas.” (Francis Bacon)

(20) “Foi pelo trabalho que a mulher transpôs, em grande parte, a distância que a separava do macho; é só o trabalho que pode garantir-lhe uma liberdade concreta.” (Simone de Beauvoir)

As propostas de reescritura sinonímica para os textos acima poderiam ser:

(21) Nenhuma coisa é tão nociva à filosofia quanto a falta de atenção e de consideração dos homens em relação aos acontecimentos familiares corriqueiros, que são aceitos sem que se examinem ou se investiguem suas origens.

(22) As diferenças entre os sexos começaram a ser superadas a partir do momento em que a mulher começou a trabalhar. Para conseguir a liberdade completa, o que ela precisa fazer é continuar trabalhando.

Chamamos a esse tipo de exercício “redação sinonímica”. Seu objetivo é manter a significação global de um período ou de um parágrafo, a partir da alteração localizada de palavras e expressões de linguagem.

### **Breve conclusão**

Como em várias outras questões que envolvem a produção de texto, estas possibilidades também estão a serviço da pretensão criativa, comunicativa, literária, jornalística de quem emprega a língua portuguesa na vida concreta.

O tema é amplo. Fica a sugestão para novas incursões.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza*. São Paulo: Abril, 1979.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

CATACH, Nina. *La Pontuaction*. Paris: PUF, 1994.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GAZETA DO POVO. Trabalhar em casa é uma benção – para disciplinados. Disponível em: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo> Acesso em dez/2008.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Semântica e Estilística*. Curitiba: IESDE, 2009.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1991.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz / EdUSP, 1989.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, José Carlos. *O Rio É Assim*. Rio de Janeiro: Agir, 2005

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2004. Trad. e adapt. de Rodolfo Ilari.